# A Escritora e o Coveiro

Darcy Brito

Após participar de uma tarde de autógrafo, a escritora voltou para a casa pensativa. Numa das entrevistas, um leitor abordou um fato curioso nas histórias fictícias dela: sempre a morte de um grande amor. Ou seja, todo grande amor vivido por seus personagens, era bloqueado pela morte. A morte aparecia de súbito, sendo que a vítima era sempre o personagem masculino. A partir dessa observação, pensou no livro que estava escrevendo, no qual a personagem, uma escritora fictícia, procura um psicanalista para entender a razão de a morte estar sem-

pre presente em suas histórias.Resolveu, então, que deveria fazer o mesmo na vida real. Iria procurar um psicanalista.

O profissional foi escolhido por acaso num catálogo telefônico que dizia assim:

CIENTISTA, PSIQUIATRA E PSICANALISTA COM DOUTORADO NA FRANÇA.

NÃO ACEITA CONVÊNIOS.

Anotou o telefone e marcou a consulta.

# A consulta.

Chegando ao consultório notou que o local era bastante simplório em relação ao anúncio. A atendente, com uma pilha de pastas à sua frente, encaminhou a escritora até a sala do psicanalista.

- Boa tarde, Doutor.

- Boa tarde, senhora, queira sentar-se. O que a traz aqui? – perguntou o psicanalista.

- Acredito que a mesma razão de todos os seus clientes: descobrir-se.

- Mas há sempre uma razão especial.

- Tenho uma mente assassina.

Surpreso, o doutor da mente perguntou:

- A senhora matou alguém?

- Mato todos os meus personagens masculinos que estão vivendo um grande caso de amor nas histórias que escrevo.

Aliviado, o psicanalista falou:

- Então a senhora é uma escritora, e, se entendi bem, mata os seus personagens?

- Na verdade, este fato me foi abordado por um leitor numa roda literária e, como estou escrevendo uma história em que uma personagem, escritora, procura um psicanalista para descobrir o motivo de a morte estar sempre presente nos seus livros, achei melhor fazer um laboratório e aproveitar para pesquisar e lidar melhor com o assunto.

- Vamos por partes - Não esperava uma resposta assim tão direta e rápida.

- Desde quando a senhora escreve?

- Desde a primeira vez que senti necessidade de colocar no papel os meus pensamentos. Já faz algum tempo.

- Sente necessidade de escrever como se isso fosse o oxigênio de sua vida?

- Oxigênio não, mas, digamos, a água que mata a minha sede ou o remédio que alivia minhas dores.

- Trata-se de uma catarse?
- Em alguns momentos. Em outros, por divertimento.

- Nos momentos de catarse a senhora expõe todo o sentimento ou se autocensura?

- Como assim?
- Deixa-se auto-biografar?

- Creio que não, pois quando sinto que estou na alma do personagem, recuo.

- Acha que existe um motivo muito sério que a leva a recuar?

- É para isso que estou aqui, para descobrir o motivo e também saber lidar com os personagens da história que estou escrevendo.

- Tudo bem. A senhora disse que recua, se autocensura, estou certo?

Creio que sim.

- Para que serve a ficção se não para fantasiar, criar? Este é o papel do escritor.

- Sempre que posso faço isso, embora eu seja mais verdadeira nas poesias. As metáforas traduzem melhor o sentimento, sem explicitar.

- Se você se censura também nas fantasias, de que adianta escrever? Seus leitores, cada um deles, é o seu juiz, e entre a intenção do escritor e a interpretação do leitor existe também um mundo de fantasias, o leitor acaba sendo um cúmplice ou um co-autor. Esse faz-de-conta é consciente e está ligado a desejos não satisfeitos, antigos ou atuais. Escrever ficção é quase tornar real a fantasia, dando-se o final que quiser. Você tem medo das suas fantasias?

- Já me fiz essas perguntas.

- E qual foi a resposta?

- A resposta ainda não veio à luz, estou grávida dela faz algum tempo. Não é a psicanálise a parteira do inconsciente?

- Se a parturiente facilitar o parto. Para este tipo de gravidez não se faz cesariana. Por que a personagem escritora, do livro que senhora está escrevendo, procura um psicanalista?

- Esta é a razão de eu estar aqui. Ela quer descobrir o porquê das mortes e trans-

formar a ficção em realidade, fazendo o caminho inverso.

- Não entendi

- Trazer um personagem da ficção para vida real e viver uma história de amor.

- De que forma?

- Encaixando alguém psicológica e materialmente no personagem fictício.

- E onde eu entro nessa história? Por que a senhora acha que a psicanálise pode ajudar nesse seu caso de transformar ficção em realidade?

- Sendo o senhor um cientista poderá me ajudar no processo.

- Vamos organizar os pensamentos. A senhora me procurou para fazer um laboratório a fim de ter subsídios para escrever seu atual livro, ou seja, trabalhar com a personagem escritora que procura um psicanalista.

- Correto.

- Para fazer uma experiência o cientista tem que conhecer a natureza do material que ele está examinando e aonde quer chegar.

- É aí que reside a diferença entre o cientista e o escritor de ficção. Nós escrito-

res nunca sabemos com que material estamos lidando, os personagens são estranhos e vão chegando inesperadamente e se impõem. Muitas vezes, no final, deparamos com monstrengos que nós mesmos construímos sem perceber, que nem um Frankstein.

- São os arquétipos que rondam nosso inconsciente e ficam doidinhos para subir ao andar da consciência. Encontrando uma brecha, escapam, e a gente se pergunta de onde vieram.

- O senhor está querendo dizer que os meus personagens já existiam antes mesmos de eu começar a escrever a ficção?

- Claro que sim. Não pense que são ETs.

- Isto não está cientificamente comprovado. Aliás, psicanálise é ciência?

- Vai depender da forma ou ângulo como é vista. Se considerarmos que somos acúmulos de DNA, fabricando, transmitindo e estocando características herdadas, e que nos manipulam como marionetes, diremos que eles são o nosso inconsciente. E DNA é ciência.

- E a alma?

- A alma é imaterial, mas nunca ouvi falar de alma sem que antes não houvesse

uma matéria. Essa coisa de encarnação e reencarnação da alma só é possível se houver matéria, essa matéria que transmitimos aos nossos descendentes pode-se chamar de reencarnação não acha?

- Isso deve explicar essa coisa que na psicanálise chama-se regressão?

- Pode ser. Mas voltando à senhora, talvez a razão da sua censura não esteja no passado e sim no presente. Fale-me de sua vida, seu estado emocional, civil, etc.

- O senhor quer saber o meu estado civil legal, ou emocional?

- Ambos, mas o emocional me interessa mais, sem autocensura.

- Por que o senhor fala em autocensura?

- Pela experiência profissional. Tenho clientes que me procuram com sentimentos de culpa, se censurando por ter tido apenas pensamentos. As pessoas precisam saber que não existem barreiras, regras para o pensamento no que diz respeito a qualquer questão. O pensamento é propriedade de quem o detêm, muito embora eles, os pensamentos, invadam nossa mente sem que saibamos de onde vêm.